

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

SOBRE O PRAZER DA TRAGÉDIA EM ARISTÓTELES

Christiani Margareth de Menezes e Silva
Doutoranda – PUC-RJ

RESUMO: A presente comunicação tem o objetivo de mostrar como a tragédia proporciona prazer. Este tipo de composição poética tem como finalidade suscitar no espectador, ou no leitor, temor e piedade, emoções descritas tanto na Poética, quanto na Retórica como dores. Além de suscitar tais emoções, a tragédia provoca também prazer e este parece ligar-se à capacidade do homem para imitar, seja pela pintura e escultura, seja através do poema trágico. O problema é entender como o drama trágico proporciona prazer.

PALAVRAS-CHAVE: Poética; mimesis; emoções; temor; piedade; prazer.

ABSTRACT: This paper intends to show how tragic plot arouses pleasure. The tragic framework arouses two painful emotions: pity and fear in the spectator or reader, and such emotions are described as pain in the Poetics and in the Rhetoric. Nevertheless, Aristotle tells us that tragic mimesis originating an inherent pleasure. The arising question is: how tragic actions have lead to the painful outcome arouses pleasure.

KEY-WORDS: Poetics; mimesis; fear; pity; pleasure; Aristotle.

Ao definir a tragédia ao longo da *Poética*, Aristóteles considera que ela suscita no espectador ou no leitor, as emoções (*páthe*) de temor (*phóbos*) e piedade (*éleos*). Tais emoções são descritas na *Retórica* e na *Poética* como dolorosas, parecendo, à primeira vista, que a tragédia não proporciona a seus espectadores, ou a seus leitores, prazer (*hédone*), mas sim dor (*lýpe*).

Nos autores antigos de tratados médicos, assim como em Platão, Górgias e Aristóteles, por exemplo, as emoções de temor e piedade, quando citadas, vêm acompanhadas da descrição dos efeitos fisiológicos produzidos por elas.¹ Encontramos tal tratamento das emoções em uma das obras biológicas de Aristóteles, *Partes dos Animais*, onde ele diz que o resfriamento (*katápsyxis*), pela escassez de sangue e pela falta de calor, provoca temor; já a

¹ Cf. H. Flashar, “Die medizinischen Grundlagen der Lehre von der Wirkung der Dichtung in der griechischen Poetik” In M. Luserk, *Die Aristotelische Kátharsis. Dokumente ihrer Deutung in 19. und 20. Jahrhundert. Mit einer Einleitung herausgegeben von M. Luserke*. Hildesheim/Zürich/New York: Georg Olms, 1991. p. 289-325. *passim*. Cf. também Fernando Rey Puente, “A kátharsis em Platão e Aristóteles”. In DUARTE, Rodrigo (org. et al.) *Kátharsis: reflexões de um conceito estético*. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. p. 10-27. p. 22-23. Puente inclusive cita Flashar.

De Menezes e Silva, Christiani Margareth
Sobre o prazer da tragédia em Aristóteles

umidade excessiva provoca piedade.² Aristóteles, ao tratar das emoções, considera que certa cognição esteja nelas envolvida, como atesta o tratamento dado por ele, no livro II da *Retórica*, às emoções. Podemos, pois, dizer que, para Aristóteles, toda emoção vem acompanhada de uma crença (*pístis*) e de seu substrato fisiológico.³

Na *Retórica*, Aristóteles observa que a emoção afeta o julgamento⁴. Para ele, há três coisas que a persuasão deve observar: o caráter do orador, a maneira como o ouvinte se dispõe, e aquilo que o discurso quer demonstrar. Ele percebe a importância do aspecto emocional e trata a persuasão pela disposição dos ouvintes como um modo especial de persuasão, não separada, mas unida à persuasão pela demonstração discursiva e pelo caráter do orador.⁵

Além disso, Aristóteles analisa a emotividade ressaltando três aspectos: a) a condição dos homens propensos a uma emoção; b) os objetos da emoção (*tísin*); c) e os motivos de tal emoção (*epý poióis*). Compete ao orador entender estes três modos com os quais as emoções afetam as pessoas, senão ele será incapaz de despertar a resposta emocional esperada de seus ouvintes.⁶ Dessa maneira, como bem observou William Fortenbaugh, ao analisar as emoções na *Retórica*, Aristóteles fornece não só um interessante exercício de psicologia filosófica, como também um modo de persuadir que considera o conhecimento necessário para despertar e abrandar determinada emoção com sucesso.⁷

Se o objetivo do orador é persuadir o auditório a respeito da validade daquilo que defende, ele deve apresentar enunciados persuasivos ou provas (*písteis*) aos ouvintes, esperando fazê-los aderir à sua tese. Enquanto a prova lógica produz no ouvinte uma convicção de verdade através da exposição discursiva da tese defendida, as provas pelo *éthos* do orador e pelo *páthos* do auditório levam à mesma convicção não apenas pelo discurso; na verdade, elas fazem o orador parecer digno de credulidade, e possibilitam também estados emocionais favoráveis à tese defendida. As provas pelo *éthos* e pelo *páthos* são provas, por sinal, específicas da retórica.

Como já dissemos, as emoções são entendidas como sentimentos que alteram o comportamento e modificam nossas opiniões:

² Cf. Aristóteles, *Partes dos Animais* 650 b18ss, 679 a25ss e 692 a22ss.

³ Cf. Aristóteles, *De Anima* I 1, 403 a16-23.

⁴ Cf. Aristóteles, *Retórica* I 1354 b8-11, 1356 a15-16; II 1377 b30-1378 a5, 19-20.

⁵ *Id.* I 1356 a14.

⁶ *Id.* II 1378 a23-26.

⁷ *Id.* 1365 b21-5, 1378 a24-6. Cf. também William W. Fortenbaugh, "Aristotle's *Rhetoric* on emotions" In BARNES, J., SCHOFIELD, M. & SORABJI, R. (edd.). *Articles on Aristotle 4. Psychology and Aesthetics*. London: Duckworth, 1979. p. 133-153. p. 139.

De Menezes e Silva, Christiani Margareth
Sobre o prazer da tragédia em Aristóteles

As emoções [*páthe*] são os sentimentos que causam mudança nos seres humanos e introduzem alterações nos seus julgamentos, à medida que comportam dor e prazer, como a ira, a piedade [*éleos*], o temor [*phóbos*] e outras emoções semelhantes, assim como as suas contrárias.⁸

A reação emotiva envolve o pensar, o imaginar, ou o acreditar que levam alguém a reagir de certo modo. Aristóteles entende que as opiniões ou crenças explicam e justificam uma determinada reação emotiva. Ele não concebe as emoções nem como estados mentais nem como sensações corporais apenas; se assim o fizesse, ele não poderia explicar como as emoções apresentam objetos e motivos. As dores de estômago, as dores de cabeça e outras sensações corporais não são percebidas da mesma forma como as emoções, pois estas implicam opiniões e crenças (*písteis*) e podemos dizer o que sentimos e explicar por que o sentimos. Com isso, Aristóteles inclui a possibilidade de conhecermos e entendermos o estado emocional de uma pessoa.⁹

O temor, por exemplo, envolve necessariamente acreditar num perigo próximo. Ele provém de uma situação aflitiva ou de uma preocupação resultantes da suposição do mal prestes a acontecer. Pensar no perigo iminente é essencial para temer; um homem não teme se não se sente ameaçado. Por incluir a suposição de perigo iminente dentro da definição de temor, Aristóteles nos fornece uma definição que explica e mostra o porquê do temor. E esta “descrição da causa” permite-lhe explicar que tais coisas são temíveis quando parecem possuir poder destrutivo. O temível, o que inspira ou desperta o medo, parece danoso devido à suposição da proximidade do perigo.¹⁰

A piedade, por sua vez, é uma emoção que acompanha o temor, ela é certa pena causada pela aparição de um mal destruidor ou penoso, atingindo quem não merece, podendo também afetar a nós próprios, ou a alguém próximo, especialmente quando esse mal é iminente.¹¹

⁸ Aristóteles, *Retórica* II 1378 a19-22. Tradução nossa com base no texto estabelecido e traduzido por John Henry Freese: *The “art” of rhetoric*. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1994. (The Loeb Classical Library)

⁹ *Id. Ibid.*

¹⁰ Cf. Aristóteles, *Retórica* II 5, 1381 a21-24; 1382 a21-22 e 1382 b29-33. O temor (*phóbos*) é um extremo nas *Éticas*, junto com a confiança. O justo meio dos extremos, temor e confiança, é a coragem. Cf. *Ética a Nicômaco* II 7, 1107 b; III 6-7. *Ética a Eudemo* III 1 e *Magna Moralia* I 20. A piedade (*éleos*) é um *páthos* que comumente encontramos associado ao temor em Aristóteles, sendo uma emoção que deriva do temor. A piedade não encontra análise nas *Éticas*, como o temor; encontramos sua análise apenas na *Retórica* e na *Poética*. Para um estudo sobre as emoções e seus desdobramentos na psicologia, retórica, poética, ética e política de Aristóteles ver William W. Fortenbaugh, *Aristotle on Emotion*. London: Gerald Duckworth, 2002. Para um estudo sobre as emoções na *Retórica* ver artigo já citado do mesmo autor.

¹¹ Aristóteles, *Retórica* II 8, 1385 b13-17.

De Menezes e Silva, Christiani Margareth
Sobre o prazer da tragédia em Aristóteles

Na *Poética* elas são descritas de modo similar: a piedade é para com aquele que é infeliz sem merecê-lo, e o temor para com o semelhante que passa pela infelicidade.¹² Se esta é a finalidade da tragédia, surtir temor e piedade, qual é o prazer próprio dela? Haveria uma “alquimia mimética”, como sugerem Dupont-Roc e Lallot, que transformaria as emoções dolorosas aqui envolvidas em prazer?¹³

Como a tragédia é *mimesis* (imitação), parte dos estudiosos da *Poética*, entre eles Stephen Halliwell, lembra um exemplo recorrente na obra que esclarece o prazer associado a *mimesis* trágica, a pintura. Antes da análise da pintura, devemos esclarecer que a palavra *mimesis* indica a imitação em duas acepções: como *simulação* e como *emulação*; isto é, ela é *simulação*, ao exibir ou demonstrar algo, e é *emulação* ao designar o desejo de aprender e de seguir um mestre ou um modelo exemplar. Tanto a simulação quanto a emulação implicam a *identidade*, mas não há completa identidade na imitação, há a aproximação da semelhança e a distância da diferença, já que algo se manifesta a nós através do *mímema*, ou seja, daquilo que imita alguém ou alguma coisa.¹⁴

Em *Poética* IV, procurando as causas da origem da poesia, Aristóteles diz que somos naturalmente propensos a *mimesis* desde crianças, o que não significa que ele entenda que recorrer a *mimesis* se limite ao aprendizado das primeiras noções; antes disso, ele nota que todos os homens sentem prazer em reconhecer o que lhes aparece através do *mímema*. Mesmo o que é repugnante na realidade é prazeroso ao ser mostrado através do mimético, mas isso porque aprendemos reconhecendo o que o *mímema* apresenta, e esse prazer em reconhecer é partilhado por todos os homens.¹⁵

Essa associação de *mimesis* com a aprendizagem (*máthesis*) e com o prazer encontramos também na *Retórica*:

¹² *Poética* XIII, 1453 a5-6.

¹³ Cf. Roselyne Dupont-Roc e Jean Lallot. *Aristote: La Poétique*. Texte, traduction, notes par. Paris: Seuil, 1980. p 189.

¹⁴ Para entender as dificuldades interpretativas suscitadas pelos cognatos de *mimēsthai*, verbo do qual o substantivo *mimesis* deriva, além de sua origem e uso na antiguidade por Aristóteles e pelos autores que o precederam, remeto o leitor aos seguintes textos: Gerald. F. Else, Imitation in the Fifth Century. *Classical Philology* v. LIII, n. 2, April 1958. p. 73-90; Göran Sörbom, *Mimesis and Art. Studies in the Origin and Early Development of an Aesthetic*. Stockholm: Svenska Bokförlaget, 1966; Paul Woodruff, “Aristotle on Mimesis”. In A. O. Rorty (ed) *Essays on Aristotle’s Poetics*. Princeton: Princeton University Press, 1992. p. 73-95; Stephen Halliwell, *The Aesthetics of mimesis: Ancient texts & modern problems*. Princeton: Princeton University Press, 2002. Desse último, ver especialmente o capítulo 5 da segunda parte intitulado “Inside and outside the work of art: Aristotelian Mimesis Reevaluated.” p. 151-176; Ver também o “Apêndice” do livro de Cláudio W. Veloso, *Aristóteles Mimético*. São Paulo: Discurso Editorial, 2004. p. 733-823, que apresenta as posturas dos autores citados e sua própria interpretação dessa família de cognatos.

¹⁵ *Poética* IV, 1448 b4-24.

De Menezes e Silva, Christiani Margareth
Sobre o prazer da tragédia em Aristóteles

E, como aprender e admirar é prazeroso, é também necessário que o seja o que possui as mesmas qualidades: por exemplo, o que constitui uma imitação, como a escrita, a escultura, a poesia e em geral todas as boas imitações, mesmo se o objeto imitado não for agradável; porque não é com isto que se sente prazer, mas pensar que “este é aquele”, de sorte que o resultado é que aprendemos alguma coisa. São prazerosas igualmente as aventuras e o salvar-se por pouco dos perigos, pois todas essas coisas causam admiração.¹⁶

A apreciação de uma pessoa bela numa pintura, por exemplo, se dá pela percepção da maneira como a obra mostra um certo tipo de beleza física. Como a obra mimética repousa sobre o reconhecimento cognitivo da significância representacional, a reação de quem observa é necessariamente uma reação que *combina* a realidade apresentada e a interpretação que se faz dessa realidade. Apresentar semelhança (*homoiótes*) não significa que *mimesis* indique apenas a cópia de algo específico, como esclarece Halliwell; as obras miméticas, em sua maioria, não são entendidas por Aristóteles como cópias, ele não as toma como representação de algo particularmente conhecido; só alguns tipos de obras miméticas, como os retratos, estão nessa categoria.

Quando observamos semelhanças nas coisas em geral, observamos as propriedades ou qualidades comuns que as coisas possuem, e quando apreciamos obras miméticas, reconhecemos e entendemos como certos traços característicos de algo em particular possam ser significantes em si mesmos, e aparecer como este, ou seja, possam ser tomados por este, embora saibamos que estamos diante de um *mímema*, e não do objeto real que este deixa manifesto.

Por isso, Aristóteles identifica a importância de perceber e compreender a semelhança como uma maneira importante de discernimento. Quando ele menciona as observações da semelhança, isso não significa que pelo *mímema* tenhamos mero registro superficial da existência de similaridades; o discernimento da semelhança significa um processo de cognição ativo e interpretativo, uma descoberta perspicaz do que ali está.¹⁷

O principal prazer que tiramos de uma obra mimética repousa, por conseguinte, na cognição do que a obra manifesta; se não reconhecemos o que a pintura apresenta, podemos

¹⁶ *Retórica* I 11, 1371 b5-11. Tradução nossa. Ver também *Poética* XXIV, 1460 a17.

¹⁷ Segundo Halliwell, Aristóteles discute a relevância da semelhança para a argumentação filosófica em *Tópicos* 108 b7-12. Ainda de acordo com ele, Aristóteles vê a semelhança como a essência da produção metafórica (*Tópicos* 140 a8-10, *Retórica* 1410 b10-19, 1412 a9-12, *Poética* 1459 a5-8), e nota sua importância em vários contextos, tais como a interpretação dos sonhos (*De Divinatione Somniorum* 464 b5-12) e a construção das analogias retóricas (*Retórica* 1394 a2-9). Cf. S. Halliwell. “Pleasure, understanding and emotion in Aristotle’s Poetics”. In A. O. Rorty (ed) *Essays on Aristotle’s Poetics*. Princeton: Princeton University Press, 1992. p. 241-260. p. 245. Halliwell publicou posteriormente uma versão revista desse artigo em seu livro *The Aesthetics of mimesis*, p. 177-206.

De Menezes e Silva, Christiani Margareth
Sobre o prazer da tragédia em Aristóteles

sentir prazer ao admirarmos a habilidade do artífice no uso que este faz da cor, do material, etc., ou seja, em como o artefato foi feito. Tal prazer não se liga à cognição do que é apresentado mimeticamente. Temos, então, prazer que não se liga ao reconhecimento, mas à destreza do artista, e prazer de ordem cognitiva nessa passagem da *Poética*; e o prazer associado à *mimesis* refere-se a esta última.

Quando sentimos piedade e temor numa tragédia, e experimentamos prazer, isso não se dá porque nós primeiro sentimos emoções dolorosas, e depois as temos serenamente, próximos a reconhecer que os eventos são apenas imitações. Na verdade, nós só experimentamos as emoções, que de alguma forma são dolorosas, porque nós reconhecemos, nas ações representadas e sofridas, as condições humanas que tais ações exigem.¹⁸

Dito isso, podemos concluir que o prazer provocado pela tragédia não contradiz o prazer indicado no capítulo IV da *Poética*, ou seja, o prazer é de ordem *cognitiva*, já que ele implica a compreensão do que causa as emoções trágicas. O que a tragédia apresenta, tanto em seu espetáculo quanto em sua leitura, possibilita aos espectadores ou leitores conhecer os fatos que suscitarão dores como a piedade e o temor, compreendendo-se assim a seriedade da ação que a tragédia apresenta.¹⁹

O temor e a piedade podem surgir do espetáculo, mas podem também provir do próprio arranjo das ações, e este é o melhor procedimento do fazer do poeta. Porque o enredo deve ser composto de forma que, mesmo sem assistir, quem ouvir as ações que se desenrolam se arrepie e sinta piedade, como experimentaria quem ouvisse o enredo de Édipo. Provocar esse efeito por meio do espetáculo é algo menos afim à arte poética e requer antes recursos materiais. Aqueles que provocam por meio do espetáculo não o temível, mas o monstruoso, esses não realizam o próprio da tragédia. Porque da tragédia não se deve procurar tirar qualquer prazer, mas aquele que lhe é próprio. Porém, como o poeta deve provocar por meio da *mimesis* o prazer advindo da piedade e do temor, é evidente que ele deve criá-las na própria composição dos fatos.²⁰

Essa interpretação põe em acordo a referência que Aristóteles faz, tanto na *Poética* como na *Retórica*, ao prazer em contemplar imagens, mesmo imagens de animais ferozes ou de cadáveres, que se vistos na realidade causam medo e desgosto, mas reproduzidos mimeticamente em uma escultura ou pintura possibilitam apreciação e prazer.²¹

¹⁸ Cf. S. Halliwell, "Pleasure, understanding and emotion in Aristotle's Poetics". p. 246.

¹⁹ Cf. Martha C. Nussbaum, *The fragility of goodness. Luck and ethics in greek tragedy and philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 390. Cf. também S. Halliwell, "Inside and outside the work of art: Aristotelian Mimesis Reevaluated." p. 161-162.

²⁰ *Poética* XIV, 1453b 10-14. Tradução nossa com base no texto estabelecido por J. Hardy (*Poétique*. Text établi et traduit par. Paris: Belles Letres, 1932).

²¹ Cf. *Retórica* I 11, 1371 b1-22; *Poética* IV 1448 b4-24.

De Menezes e Silva, Christiani Margareth
Sobre o prazer da tragédia em Aristóteles

Por fim, de maneira similar ao reconhecimento da *mimesis* pictórica, na *mimesis* trágica, que é simulação de ação humana, inferimos cada fato, cada ação, cada emoção, cada argumento, ou seja, aquilo que compõe a totalidade do poema, mediante um processo de compreensão que leva ao prazer tipicamente mimético, isto é, ao prazer cognitivo. O efeito do trágico é despertar piedade e temor, mas o prazer da tragédia não consiste em sentir tais emoções, e sim reconhecer os fatos que levam a elas. A aprendizagem está, portanto, em compreender as ações humanas que levam ao desfecho trágico.²²

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES

Aristotle in Twenty-three Volumes. Cambridge-Mass./London: Harvard University Press. (The Loeb Classical Library)

Ouvres Complètes. Paris: Belles Lettres. (Collection des Universités de France)

The Works of Aristotle. Edited by Robert Maynard Hutchins. Chicago/London/Toronto: Encyclopaedia Britannica, 1952. Vol. 1 (8) e Vol. 2 (9) (Reprinted from *The Works of Aristotle*, translated into English under the editorship of W. D. Ross, by arrangement with Oxford University Press).

Aristotle: Poetics. Translation with a introduction by Gerald F. Else. The University of Michigan Press, 1994.

The Poetics of Aristotle. Translation and commentary Stephen Halliwell. The University of North of Carolina, 1987.

La Poétique. Texte, traduction, notes par Roselyne Dupont-Roc et Jean Lallot. Paris: Seuil, 1980.

Poética. Tradução do grego e notas de Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores)

Poética. Tradução trilingüe grego, latim e espanhol de Valentín García Yebra. Madrid: Gredos, 1974.

Poética. Tradução, Prefácio, Introdução, Comentário e Apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.

Retórica das paixões. Livro II, Capítulos 1-11. Prefácio de Michel Meyer. Tradução bilíngüe grego-português de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Retórica. Introdução, tradução e notas de Quintín Racionero. Madrid: Gredos, 1994.

Retórica. Tradução e notas de M. Alexandre Jr., P. F. Alberto e A. N. Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

De Anima. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2006.

²² Cf. S. Halliwell, "Pleasure, understanding and emotion in Aristotle's Poetics." p. 248-250. As outras passagens que reforçam o argumento de Halliwell encontram-se em *Poética* IX, 1452 a2-4; XIII, 1452 b32-33; XIX, 1456 b3-4.

De Menezes e Silva, Christiani Margareth
Sobre o prazer da tragédia em Aristóteles

Ética a Nicómaco. Ética Eudemia. Introdução de Emílio Lledó Íñigo. Tradução e notas de Julio Pallí Bonet. Madrid: Gredos, 1985.

Ética a Nicômaco. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores IV)

Ética a Nicômacos. Tradução e notas de Mário da Gama Kury. 3. ed. Brasília: UnB, 2001.

Política. Tradução e notas Mário da Gama Kury. 3. ed. Brasília: UnB, 2005.

OUTROS

ELSE, Gerald. F. Imitation in the Fifth Century. *Classical Philology*, v. LIII, n. 2, April, 1958. p. 73-90.

FLASHAR, H. “Die medizinischen Grundlagen der Lehre von der Wirkung der Dichtung in der griechischen Poetik” In LUSERKE, M. *Die Aristotelische Kátharsis. Dokumente ihrer Deutung in 19. und 20. Jahrhundert. Mit einer Einleitung herausgegeben von M. Luserke.* Hildesheim/Zürich/New York: Georg Olms, 1991.

FORTENBAUGH, William W. “Aristotle’s *Rhetoric* on emotions” In BARNES, Jonathan, SCHOFIELD, Malcolm & SORABJI, Richard (edd.). *Articles on Aristotle: 4. Psychology and Aesthetics.* London: Duckworth, 1979. p. 133-153.

FORTENBAUGH, William W. *Aristotle on Emotion.* 2nd. Edition. London: Gerald Duckworth, 2002.

HALLIWELL, Stephen. “Pleasure, Understanding, and Emotion in Aristotle’s *Poetics*”. In RORTY, Amélie Oksenberg. (ed) *Essays on Aristotle’s Poetics.* Princeton: Princeton University Press, 1992. p. 241-260.

HALLIWELL, Stephen. *The Aesthetics of mimesis. Ancient texts & modern problems.* Princeton: Princeton University Press, 2002.

HALLIWEL, Stephen. *Aristotle’s Poetics.* With a new introduction. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

KLIMIS, Sophie. *Le statut du mythe dans la Poétique d’Aristote. Les fondaments philosophiques de la tragédie.* Bruxelles: Ousia, 1997.

NUSSBAUM, Martha. *The fragility of goodness. Luck and ethics in greek tragedy and philosophy.* Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

PUENTE, Fernando Rey. “A kátharsis em Platão e Aristóteles”. In DUARTE, Rodrigo (org. et al.) *Kátharsis: reflexões de um conceito estético.* Belo Horizonte: C/Arte, 2002. p. 10-27.

SÖRBOM, Göran. *Mimesis and Art: Studies in the Origin and Early Development of an Aesthetic.* Stokholm: Svenska Bokförlaget, 1966.

VELOSO, Cláudio William. *Aristóteles Mimético.* São Paulo: Discurso Editorial, 2004.

WOODRUFF, Paul. “Aristotle on Mimesis”. In RORTY, Amélie Oksenberg. (ed) *Essays on Aristotle’s Poetics.* Princeton: Princeton University Press, 1992. p. 73-95.

[Recebido em abril de 2009; aceito em dezembro de 2009.]